

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – CAMPUS I**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM QUÍMICA – LICENCIATURA**

**DYÊGO DA SILVA ANDRADE**

**INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO**  
**ENSINO APRENDIZAGEM DE QUÍMICA**

**JOÃO PESSOA-PB**  
**2017**

**DYÊGO DA SILVA ANDRADE**

**INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO  
ENSINO APRENDIZAGEM DE QUÍMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Química, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Química.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Gabriela Fehn Fiss

**JOÃO PESSOA-PB**

**2017**

Catálogo na publicação  
Seção de Catalogação e Classificação

A553i Andrade, Dyêgo da Silva.  
Influência da afetividade na relação professor-aluno no  
ensino aprendizagem de Química / Dyêgo da Silva  
Andrade. - João Pessoa, 2017.  
41 f. : il.

Orientação: Gabriela Fehn Fiss.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CCEN.

1. Ensino-aprendizagem de Química. 2. Afetividade -  
Professor-aluno. 3. Motivação - Ensino. I. Fiss,  
Gabriela Fehn. II. Título.

UFPB/BC

DYÊGO DA SILVA ANDRADE

**INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO  
ENSINO APRENDIZAGEM DE QUÍMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do  
Curso de Química, da Universidade Federal da Paraíba, como  
requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em  
Química.

Data de aprovação: 23 / 11 / 2017.



Prof.ª Gabriela Fehn Fiss – Orientadora



Prof(a). Karen Cacilda Weber (UFPB)



Prof(a). Margarida Sonia Marinho do Monte Silva (UFPB)

Dedico este trabalho aos meus pais, que tanto me apoiaram e me ajudaram nos momentos de grande dificuldade.

Ao meu irmão, que não se encontra mais entre nós, e a minha querida sobrinha.

E, por último, aos meus colegas do PIBID-QUÍMICA UFPB.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e inteligência para superar todas as dificuldades e conseguir chegar aonde estou hoje.

A esta universidade e a todo seu corpo docente, que participaram e contribuíram bastante para a minha formação.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Margarida Sonia Marinho do Monte Silva, pela paciência, dedicação, ensinamentos e o tempo que esteve à frente da orientação deste trabalho antes da sua aposentadoria.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gabriela Fehn, por toda sua atenção, dedicação e esforço para elaboração desse trabalho.

E, em especial, ao meu pai, Edmilson Hermínio de Andrade, e à minha mãe, Maria José da Silva, por não medirem esforços para que eu pudesse concluir meus estudos.

## RESUMO

A interação afetiva tem grande influência dentro do processo de aprendizagem. A relação professor-aluno é bastante complexa, pois na afetividade está incluída a motivação. Essa pesquisa foi aplicada em duas escolas, uma na cidade de João Pessoa e outra na cidade de Pedras de Fogo, ambas no estado da Paraíba. A amostra foi constituída por alunos do Ensino Médio. O objetivo é investigar a influência direta e indireta da afetividade sobre a relação professor-aluno e se isso gera ou não motivação para aprender. A metodologia aplicada foi qualitativa e quantitativa, usando instrumento de observação e questionários para obtenção de dados. Os resultados confirmaram o que os teóricos Piaget (1970), Wallon (1992) e Vygotsky (1978) indicaram, sinalizando a importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem.

**Palavras-chave:** afetividade, química, motivação, ensino-aprendizagem.

## **ABSTRACT**

The affective interaction has great influence inside of the learning process. The teacher-student relationship is quite complex, since affectivity includes the motivation. This research was applied in two schools, one in the city of João Pessoa and another in the city of Pedras de Fogo, both in the state of Paraíba. The sample was constructed for school students. The objective was to investigate the direct and indirect influence of affectivity on the teacher-student relationship and whether or not this generates motivation to learn. The applied methodology was qualitative and quantitative, using observation instrument and questionnaires to obtain data. The results confirmed what the theorists Piaget (1970), Wallon (1992) and Vygotsky (1978) indicated, signaling the importance of affectivity in the process of teaching learning.

**Keywords:** affectivity in chemistry, motivation, teaching-learning process.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>9</b>
<b>2.1.1 Aprendizagem .....</b>	<b>9</b>
2.1.1.1 Características da Aprendizagem .....	9
2.1.1.2 Tipos de Aprendizagem .....	10
<b>2.1.2 Relações Interpessoais.....</b>	<b>10</b>
2.1.2.1 Relação Professor-Aluno.....	11
<b>2.1.3 Teoria Motivacional .....</b>	<b>12</b>
2.1.3.1 Motivação na Escola .....	13
<b>2.1.4 Afetividade .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1.5 Teoria Cognitivista .....</b>	<b>15</b>
2.1.5.1 Estágios de Desenvolvimento – Piaget.....	16
<b>2.2 METODOLOGIA.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2.1 Instrumentos .....</b>	<b>18</b>
<b>2.2.2 Participantes .....</b>	<b>19</b>
<b>2.2.3 Escola Campo.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2.4 Coleta de Dados .....</b>	<b>20</b>
<b>2.3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>21</b>
<b>2.3.1 Resultados .....</b>	<b>21</b>
<b>2.3.2 Análise dos Resultados .....</b>	<b>30</b>
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A escola contemporânea deve estar orientada para o futuro, fornecendo um ambiente de aprendizagem para que o professor consiga, junto com os alunos, construir conhecimento. Durante o processo de ensino, é impossível não haver interação entre professor e aluno e seus efeitos. Com base neste tema, resolveu-se investigar a problemática da afetividade no ensino-aprendizagem na disciplina de Química, visto que esse tema é pouco abordado e quase não há material na literatura dentro desta área.

Durante minha formação, foram observadas diversas dificuldades de aprendizagem tanto por mim quanto por alguns colegas, resultado do tipo de interação de alguns professores. Diante dessa problemática, optou-se por investigar a influência da afetividade no ensino-aprendizagem.

Os teóricos que alicerçarão este trabalho são Jean Piaget, Lev Vygotsky, Henri Wallon, David Ausubel e Paulo Freire, que nos guiaram para entendermos um pouco mais sobre essa relação do afeto na interação professor-aluno, da motivação na aprendizagem e dos tipos de aprendizagem e suas influências. Sendo assim, esse trabalho tem por objetivo analisar a influência direta e indireta da afetividade na relação professor-aluno, como também a forma com que a afetividade está relacionada com a motivação e a aprendizagem do aluno na sala de aula.

A estrutura deste trabalho está dividida em três capítulos, no qual o primeiro capítulo inicia-se pela presente introdução do tema. No segundo capítulo, será tratada a fundamentação teórica, que discorrerá sobre aprendizagem e os seus diversos tipos; sobre a motivação na aprendizagem, a relação professor-aluno, seus efeitos e a influência da afetividade. Também será abordada no segundo capítulo, a metodologia e os dados coletados nas escolas campo. Por fim, serão apresentados os resultados obtidos e a discussão desses resultados. No terceiro e último capítulo, serão explicitadas as considerações finais sobre o presente trabalho.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

#### **2.1.1 Aprendizagem**

A aprendizagem é um processo no qual o indivíduo adquire habilidade que antes não tinha e essa aquisição de conhecimento, ou de habilidade, promove uma transformação no indivíduo. A ação de aprender não está restrita apenas à escola, visto que o ser humano é capaz de aprender em todos os momentos de sua vida.

Na aprendizagem, há casos em que o ser humano não precisa de vários exercícios ou repetições para aprender como, por exemplo, ao tocar numa panela quente, sabemos que causa dor. Adquirimos esse aprendizado devido ao único acontecimento de queimar a mão, gerando, assim, uma mudança de comportamento.

Há também situações que promovem o aprendizado sem que o indivíduo precise vivenciar a experiência, nesse caso, apenas a observação é suficiente, como as crianças que aprendem observando os adultos.

Um ponto bastante importante na aprendizagem é o fato de o ser humano esquecer, pois quem aprende está sujeito a esquecer também. Um esquecimento rápido compromete a aprendizagem ou pode indicar que o processo não foi efetivo, sendo assim, podemos afirmar que o método é efetivo quando o sujeito demonstra ou prova que aprendeu.

##### *2.1.1.1 Características da Aprendizagem*

A aprendizagem é um processo individual, ou seja, não existe a possibilidade de se aprender no lugar de outra pessoa. Esse processo, sendo pessoal, ocorre gradativamente, e cada pessoa tem seu tempo de aprendizado. Muitos autores defendem que a aprendizagem é cada conhecimento novo adicionado aos conhecimentos já existentes, e essas características indicam

os aspectos da **aprendizagem como processo cumulativo**. Outros autores enxergam o processo de aprendizagem como modificação de uma situação existente, proporcionando ao indivíduo transformação e ampliação do aprendido, tornando a aprendizagem um **processo integrativo**.

#### *2.1.1.2 Tipos de Aprendizagem*

**Aprendizagem mecânica:** Novos conhecimentos possuem pouca ou nenhuma associação com conceitos relevantes na estrutura mental, não sendo possível a interação entre eles, impossibilitando a compreensão dos mesmos. Nesta aprendizagem, o conhecimento é imposto e distribuído pela estrutura cognitiva.

**Aprendizagem Significativa:** Ocorre quando uma nova informação está relacionada a conceitos ou informações que existem na estrutura cognitiva do aprendiz, fazendo com que a informação nova tenha um sentido, facilitando a sua compreensão. Ausubel (1963).

**Aprendizagem por descoberta:** Ocorre pela ligação de ideias partindo inicialmente do processo mecânico, alternando pela aprendizagem significativa e, assim, formando novas ideias que podem dar suporte para novo conhecimento. Moreira e Masini (2001)

#### **2.1.2 Relações Interpessoais**

A relação interpessoal significa uma relação entre duas ou mais pessoas. Esta relação ocorre sempre em um contexto que pode ser familiar, escolar, no trabalho e até na comunidade. As relações podem ser harmoniosas ou conflituosas, dependendo do tipo de relação como, por exemplo, pessoas que têm os mesmos objetivos ou as mesmas ideias, tendem a ter uma relação interpessoal saudável. No entanto, em um determinado grupo, no qual os membros não têm os mesmos objetivos, a relação ser ameaçada ou ser até mesmo rompida.

Esta relação social é bastante complexa, encontrando na Sociologia, área que estuda essas relações sociais, estudiosos como o sociólogo Max Weber (1864-1920), que procurou entender e diferenciar os grupos sociais e as suas relações de poder. Em seus estudos, Weber definiu o conceito de **Estratificação Social**, que é a divisão da sociedade em grupos ou classes de forma organizada Weber (1974).

#### *2.1.2.1 Relação Professor-Aluno*

Na perspectiva de Paulo Freire, a afetividade é fator principal na relação professor-aluno, propiciando maior facilidade na aprendizagem do aluno. Paulo Freire também fala sobre o fato desse criar uma boa relação entre o professor e o aluno. A falta de respeito no ambiente escolar, atualmente, ameaça essa relação, mas se o professor souber cultivar uma boa relação com os alunos, o convívio em sala de aula tornar-se-á harmonioso, proporcionando um bom ambiente de aprendizagem.

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1996, p.73).

Qual o verdadeiro papel do professor? É agir como intermediário entre os conteúdos de aprendizagem e o processo de construir o conhecimento. De acordo com a zona de desenvolvimento proximal, conceito desenvolvido por Vygotsky, o educador tem que saber que cada aluno tem o seu nível e o seu tempo de aprendizagem, dessa maneira, sua função é minimizar essa distância para promover o sucesso dos educandos. Todo educador é uma referência na vida dos estudantes, e essa relação é bastante importante, pois conquista o respeito e a confiança, e não o medo dos alunos Vygotsky (1984).

Quando há problemas nessa relação, a aprendizagem é ameaçada, e uma barreira é erguida entre ambos como, por exemplo, quando, na sala de aula, nenhum aluno se oferece para responder a uma pergunta do professor. O que acontece no ambiente de ensino para tal evento ocorrer? Será que o aluno não sabe a resposta ou será que o aluno sabe, mas não tem a liberdade ou a confiança no professor para exercitar a aprendizagem?

### 2.1.3 Teoria Motivacional

O conceito de motivação é bastante complexo. Vários autores têm definições e contextos diferentes para definir o que é motivação. Revisando a literatura, encontramos algumas definições e citações acerca da motivação. A seguir, veremos algumas citações, nas quais a motivação é definida como sendo uma intenção ou um desejo do ser humano. De acordo com Krench e Crutchfield, “Um motivo é uma necessidade ou desejo acoplado com a intenção de atingir um objetivo apropriado” (1959, p. 272). Já na visão de Kimble e Garnezy, “A propriedade básica dos motivos é a energização do comportamento”. (1963, p. 405).

Outros autores atribuem à motivação uma espécie de força que impulsiona o comportamento humano, algo como se fosse o princípio da vontade ou do querer. Para Lewis (1963, p. 560), a motivação seria “o energizador do comportamento” e para Deese (1964, p. 404), motivação seria “o termo geral que descreve o comportamento regulado por necessidade e instinto com respeito a objetivos”.

Já esses dois autores definem a motivação no ser humano como sendo a causa principal de uma ação efetuada por uma pessoa. Para Hilgard e Atkinson, a motivação é entendida como sendo o “motivo que incita o organismo à ação ou que sustenta ou dá direção à ação quando o organismo foi ativado.” (1967, p. 118), enquanto Mook trata a motivação como um “questões sobre uma ação específica.” (1987, p. 3).

Em contrapartida, há outros autores que defendem a motivação como sendo puramente um processo biológico.

[...] a motivação é o conjunto de mecanismos biológicos e psicológicos que possibilitam o desencadear da ação, da orientação (para uma meta ou, ao contrário, para se afastar dela) e, enfim, da intensidade e da persistência: quanto mais motivada a pessoa está, mais persistente e maior é a atividade. (LIEURY; FENOUILLET, 2000, p. 9).

Todas essas citações não têm embasamento científico comprovado, visto que elas são apenas tentativas de definir um conceito muito complexo. Na psicologia, o estudo da motivação é amplo e imbricado, pois se confunde com os próprios objetivos da psicologia. Como sabemos, a psicologia estuda o comportamento humano e suas características, mas o foco

deste trabalho é apresentar a origem do estudo dos conceitos sobre motivação e a sua aplicação no ensino-aprendizagem.

Há fatores externos que influenciam na motivação do ser humano, dependendo do contexto, como, por exemplo, o preconceito ou a superioridade humana, na fala de Vernon podemos identificar isso: “Tem sido observado que a maior parte do comportamento humano, em contraste com o dos animais inferiores, é caracterizado por sua natureza organizada, altamente motivada e orientada para um fim.” (1973, p 189).

Podemos ver, claramente, que há supervalorização do homem em relação aos animais e há uma desconsideração completa sobre o comportamento animal irracional. Na relação humana, a motivação está livre desses fatores? Não, não estamos livres desses fatores, pois ainda estamos presos ao preconceito racial, econômico e social em todos os setores da sociedade.

#### *2.1.3.1 Motivação na Escola*

Nesta seção, iremos nos basear nos teóricos J. Alonso Tapia, e I. Montero García-Celay. (1992), que abordam a motivação dentro da sala de aula.

O que é motivação na aprendizagem? Significa algo que nos leva à uma ação? Neste caso, a ação seria o ato de aprender e, para aprender, os alunos devem ser motivados. A palavra vem do latim *movere*, que significa mover, e está diretamente ligada aos nossos desejos, necessidades e vontades. Há dois tipos de motivação: a Extrínseca e a Intrínseca. Atualmente, os professores apontam a falta de motivação como umas das principais dificuldades para a aprendizagem em sala de aula.

A motivação extrínseca refere-se às situações que são geradas com o objetivo de apenas se receber uma recompensa, como, por exemplo, realizar uma atividade visando ganhar alguma coisa em troca ou evitar qualquer tipo de castigo. Já a motivação intrínseca refere-se às situações em que não há necessariamente uma recompensa, ou seja, está relacionada apenas à satisfação de realizar as tarefas.

Vários autores como Atkinson e Feather (1966); Smith (1969); Heckhausen (1972); Deci (1975); deCharms (1976); Dweck e Elliot (1983); Maher (1984); Nicholls (1984); Kozeki (1985); tentaram compreender quais são as principais metas que os alunos buscam, listando-as a seguir nas seguintes classes:

- Metas relacionadas às tarefas;
- Metas relacionadas ao “eu”;
- Metas relacionadas à valorização social;
- Metas relacionadas à consecução de recompensa externa.

Para motivar o aluno, são necessárias duas coisas: a) qualquer acontecimento que aumente a competência percebida, estimula a motivação intrínseca; b) para ocorrer a motivação intrínseca, é essencial que o aluno realize a experiência da autonomia, pois, quando o aluno faz algo que não é do seu interesse, a sua motivação interna é afetada, mas isso não significa deixar o aluno fazer o que bem entender. O educando deve ser sempre orientado pelo professor nessa experiência da autonomia. Deci (1975);

A aprendizagem motivada corretamente impulsiona o aluno a exercer essa autonomia de forma harmoniosa com o professor. No caso de o professor motivar o aluno apenas para fazer tarefas do seu interesse, motivando-o externamente, o aluno estará sendo apenas uma marionete e o processo de aprendizagem será comprometido.

#### **2.1.4 Afetividade**

O afeto é responsável pela coragem, pela motivação e pelo interesse, sendo assim, todos esses aspectos contribuem para o nosso desenvolvimento. Para a criança, a relação afetiva é muito importante, pois o laço afetivo estabelecido com o professor pode influenciar positiva ou negativamente na interação professor-aluno. Dependendo do tipo de relação que o professor tem com os alunos, podemos entender alguns tipos de comportamentos dentro de sala, como, por exemplo, alunos que não se sentem à vontade em responder a uma pergunta que o professor faz, mesmo sabendo a resposta.



O afeto, segundo Piaget (1972), pode acelerar ou retardar a formação das estruturas cognitivas, mas o afeto não é o único responsável pela formação dessas estruturas. Ele também afirma que o afeto acelera o aprendizado, caso ocorra motivação ou necessidade, e retarda quando há algum problema na afetividade.

Wallon (1992) foi o pioneiro teórico a considerar em seus estudos, além do corpo da criança, as emoções delas dentro da sala de aula. O referido autor fundamentou suas ideias em quatro elementos básicos que se comunicam o tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa. Para Wallon (2007), o termo afetividade corresponde às primeiras expressões de sofrimento e de prazer que a criança experimenta, sendo essas manifestações de tonalidades afetivas, ainda em estágio primitivo, de base orgânica. Ao se desenvolver, a afetividade passa a ser fortemente influenciada pela ação do meio ambiente, tanto que este autor defende uma evolução progressiva da afetividade, cujas manifestações vão se distanciando da base orgânica, tornando-se cada vez mais relacionadas ao social.

Já o teórico Vygotsky destaca a importância da interação social na aprendizagem, pois as experiências vividas promovem o conhecimento. Apesar de sua teoria não focar muito na afetividade, Vygotsky (1978) reconhece a importância do afeto nas interações sociais para promover o aprendizado. Para que ocorra a aprendizagem, não é necessário apenas o intelecto, é preciso que o indivíduo esteja inserido em um ambiente social e que pratique atividades específicas para que o aprendizado se desenvolva.

### **2.1.5 Teoria Cognitivista**

Para maior entendimento e embasamento teórico, incluímos a teoria cognitiva, desenvolvida por Jean Piaget (1975), que tem como objetivo estudar o desenvolvimento da aprendizagem no ser humano, como também todos os processos envolvidos para que a aprendizagem ocorra. Seus estudos foram realizados em crianças, pois ele queria estudar o processo cognitivo desde o seu início, a fim de, posteriormente, ampliar para os adultos, analisando e observando como as crianças aprendem.

Com seus estudos, Piaget concluiu que, para que o processo de aprendizagem aconteça, são necessários dois processos: a assimilação e a acomodação. A **assimilação**

acontece quando aprendemos algo novo. Essa nova informação não está em nossa estrutura cognitiva e isso provoca desconforto cognitivo até que ocorra a acomodação. A **acomodação** acontece quando a nova informação ou o novo conhecimento vai se incorporando à estrutura cognitiva, o desconforto cognitivo não existe e o novo conhecimento é acessado facilmente.

Um exemplo simples desses processos é quando uma criança vai aprender a andar, ela não anda do dia para a noite, começa engatinhando, depois fica em pé segurando-se em algo e, por fim, começa a dar os primeiros passos sozinha, até o processo de andar se tornar algo automático. Já em adultos, pode-se usar como exemplo, o fato de aprender a dirigir, ninguém aprende a dirigir perfeitamente na primeira aula, logo os adultos sofrem desconforto cognitivo até conseguirem dirigir normalmente e o processo tornar-se prático ou automático.

#### *2.1.5.1 Estágios de Desenvolvimento – Piaget*

**A – Estágio sensório-motor (2 a 4 anos):** Nesse estágio, a criança descobre a existência de pessoas e objetos, começa a realizar tarefas utilizando esses objetos e explorando o meio em que está. Esse estágio chega ao fim quando a criança começa a andar sozinha e consegue pronunciar frases completas.

**B – Estágio pré-operatório (4 a 7 anos):** Nesse estágio, as crianças começam a atribuir características e aspectos humanos aos objetos. É característico desse estágio as crianças explicarem as coisas do seu próprio modo, como, por exemplo, dizer que sua boneca está doente e é necessário cuidar dela ou dizer que tem medo do escuro, pois tem medo do bicho papão.

**C – Estágio Operatório Concreto (7 aos 12 anos):** Nesse estágio as crianças são capazes de realizar tarefas mentais, tais como a classificação e a conservação. A **classificação** é a tarefa de separação dos objetos em grupos, como, por exemplo, separar os brinquedos do material escolar. A **conservação** é a tarefa mais complexa desse estágio. A criança começa a compreender que os elementos guardam suas características iniciais. Por exemplo, uma mãe tem dois filhos, em um almoço ela coloca mais suco para um dos filhos, o outro filho vai

observar e compreender que ele tem menos suco que seu irmão, gerando confusão, mas o fato é que a criança consegue perceber de imediato que as quantidades estão diferentes.

**D – Estágio Operatório Formal:** Nesse estágio, a criança já consegue raciocinar hipoteticamente, resolver problemas abstratos, considerar possibilidades no campo das ideias e que o seu pensamento não está ligado apenas ao que é real. Piaget (1974),

## 2.2 METODOLOGIA

A metodologia empregada neste trabalho consiste em uma abordagem qualitativa e quantitativa. **Qualitativa** por estar relacionada ao levantamento de dados sobre as motivações de um grupo, buscando compreender e interpretar tais comportamentos. E **quantitativa** por procurar buscar, numericamente, a frequência e a intensidade dos comportamentos dos indivíduos de um determinado grupo social ou populacional. Lüdke e André (1986).

### 2.2.1 Instrumentos

Os instrumentos metodológicos utilizados neste trabalho serão tabelas de observação e questionários.

A **observação** é um instrumento básico de coleta de dados e, para ser considerado um instrumento metodológico, é necessário que seja bem planejado e registrado e analisado adequadamente. Dessa maneira, encontramos dois tipos de observação: a) Observação sem estrutura: quando o investigador não tem dados suficientes, ele terá que usar apenas o que foi observado para formular os problemas e as hipóteses, e os dados coletados podem sofrer modificações ou novas interpretações; b) Observação estruturada: esta observação é destinada ao estudo de fatos, sabendo que o observador já conhece as características fundamentais, ele tem condições de desenvolver um plano estruturado para a elaboração de registro de observações.

O **questionário** é uma ferramenta constituída por uma série de perguntas organizadas com o objetivo de levantar dados para uma pesquisa. As respostas são geradas pelas pessoas pesquisadas e não há interferência direta ou orientação do investigador. As questões são pré-elaboradas e as respostas são dadas por escrito. Os tipos de questionário mais comuns são: a) Questionário aberto: permite que a resposta do pesquisado seja subjetiva e não há elementos para induzir a uma resposta; b) Questionário fechado: as respostas do indivíduo são limitadas a algumas alternativas. O indivíduo é solicitado a escolher umas das alternativas do questionário. Lüdke e André (1986).

### 2.2.2 Participantes

Para esta pesquisa, foram escolhidos como participantes, professores de Química do Ensino Médio de duas escolas de ensino médio do estado da Paraíba: a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Getúlio César Rodrigues Guedes, situada no município de Pedras de Fogo e a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João Roberto Borges de Souza, situada no município de João Pessoa.

Foram escolhidas nove turmas de ensino médio, compreendendo alunos do 1º ao 3º ano de ambas as escolas, sendo 4 turmas da E.E.E.F.M. Prof. Getúlio César Rodrigues Guedes e 5 da escola E.E.E.F.M. João Roberto Borges de Souza. Os professores que participaram da pesquisa foram a professora Janielly dos Santos Lima e o professor Edjonas, respectivamente. Ambos os professores são habilitados em Licenciatura em Química.

### 2.2.3 Escola Campo

As escolas que participaram desse estudo foram a **E.E.E.F.M. Prof. Getúlio César Rodrigues Guedes**, situada em Pedras de Fogo.

Figura 1: E.E.E.F.M. Prof. Getúlio César Rodrigues Guedes, em Pedras de Fogo - PB.



Fonte: Do autor.

A E.E.E.F.M. Prof. Getúlio César Rodrigues Guedes possui: oito salas de aula; um laboratório; uma secretaria; uma sala dos professores; uma diretoria; quatro banheiros, nenhum adaptado; uma biblioteca; uma cozinha; e pátio para atividades recreativas.

A segunda escola escolhida foi a **E.E.E.F.M. João Roberto Borges de Souza**, situada em João Pessoa.

Figura 2: E.E.E.F.M. João Roberto Borges de Souza, em João Pessoa - PB.



Fonte: Do autor.

A E.E.E.F.M. João Roberto Borges de Souza possui: dez salas de aula; uma secretaria; uma sala dos professores; uma diretoria; três banheiros comuns e dois adaptados; uma biblioteca; e uma cozinha. A referida escola não dispõe de laboratório nem de pátio para atividades recreativas.

#### 2.2.4 Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada em duas etapas: a primeira foi baseada na tabela de observação (Apêndice A). Estas observações foram realizadas primeiro na escola **E.E.E.F.M. Prof. Getúlio César Rodrigues Guedes** nos dias 03/04/2017, 17/04/2017 e 15/05/2017, e, posteriormente, na escola **E.E.E.F.M. João Roberto Borges de Souza**, durante os dias 27/04/2017, 04/05/2017 e 11/05/2017; na segunda etapa foi realizada a aplicação do questionário (Apêndice B) na **E.E.E.F.M. João Roberto Borges de Souza** no dia 01/06/2017 e na **E.E.E.F.M. Prof. Getúlio César Rodrigues Guedes** no dia 05/06/2017.

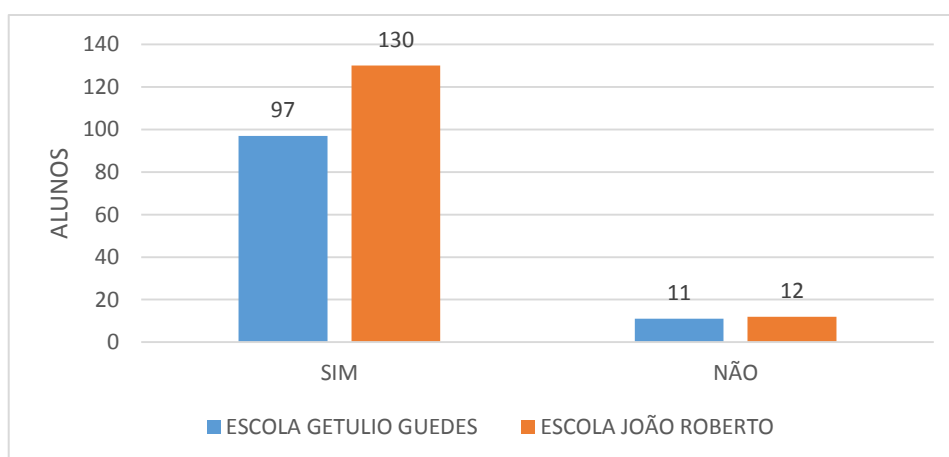
## 2.3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na primeira etapa, que foi a aplicação da tabela de observação, os resultados obtidos não foram satisfatórios, pois os mesmos mostraram-se muito subjetivos. As identificações dos pontos principais variaram bastante com os comportamentos dos alunos. Então, optamos por não colocar os resultados da tabela de observação e utilizamos apenas os resultados dos questionários. No entanto, este período destinado à observação foi válido para estabelecer aproximação com os alunos e professores. Outra vantagem da observação é que a mesma acrescenta em conhecimento de manejo de sala de aula. A aplicação dos questionários nas duas escolas ocorreu normalmente, e não houve qualquer interferência que pudesse comprometer os resultados obtidos.

### 2.3.1 Resultados

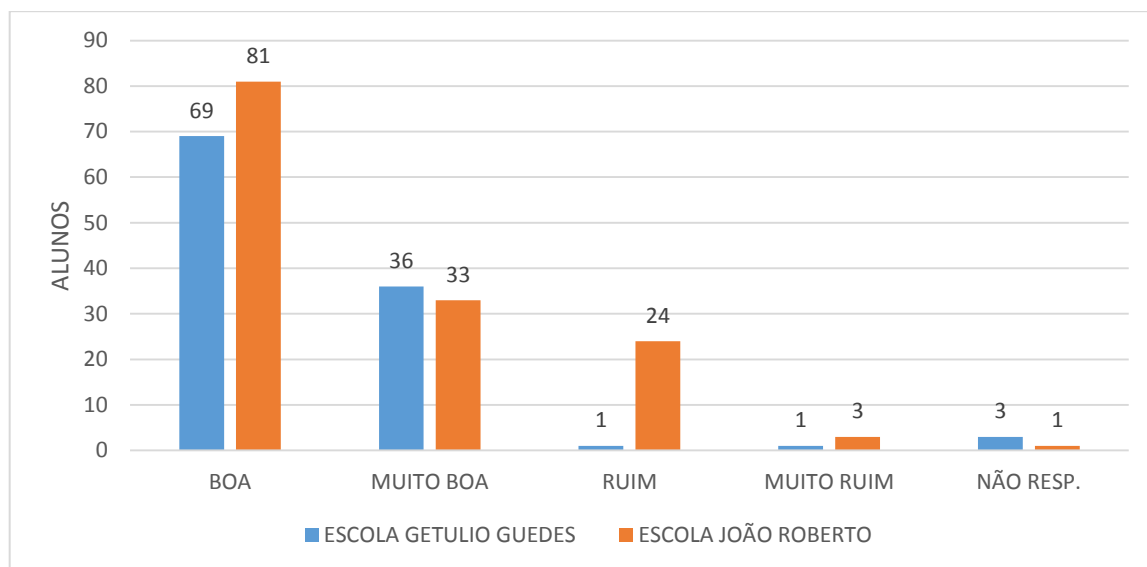
A seguir serão elencados os gráficos com os resultados obtidos com o questionário aplicado nas duas escolas. A seguir, serão apresentados os resultados obtidos na seção motivação:

Gráfico 1: Você é motivado (a) a estudar em casa pelos seus pais?



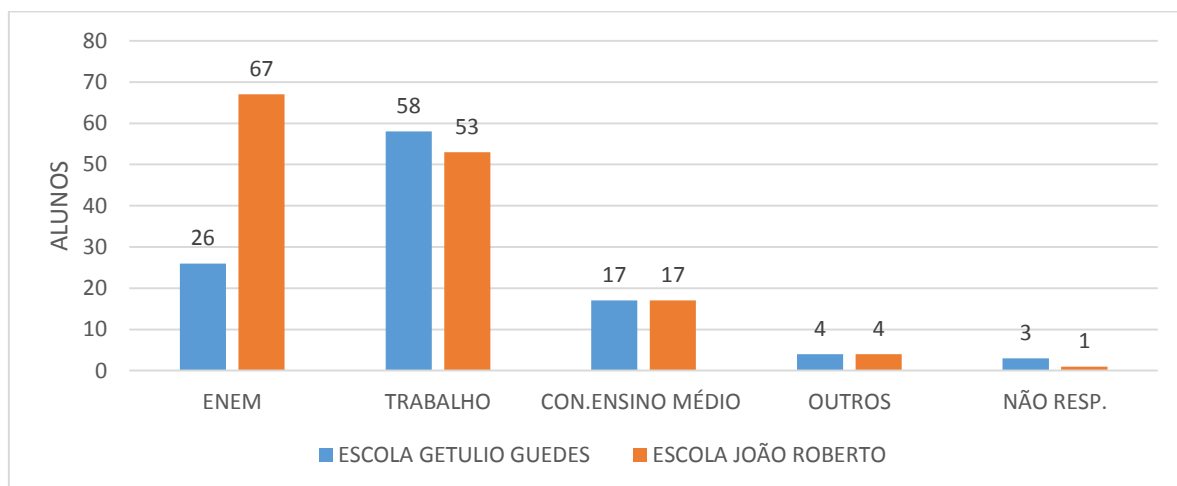
Fonte: do Autor.

Gráfico 2: O que você acha da aula de Química da sua escola?



Fonte: do Autor.

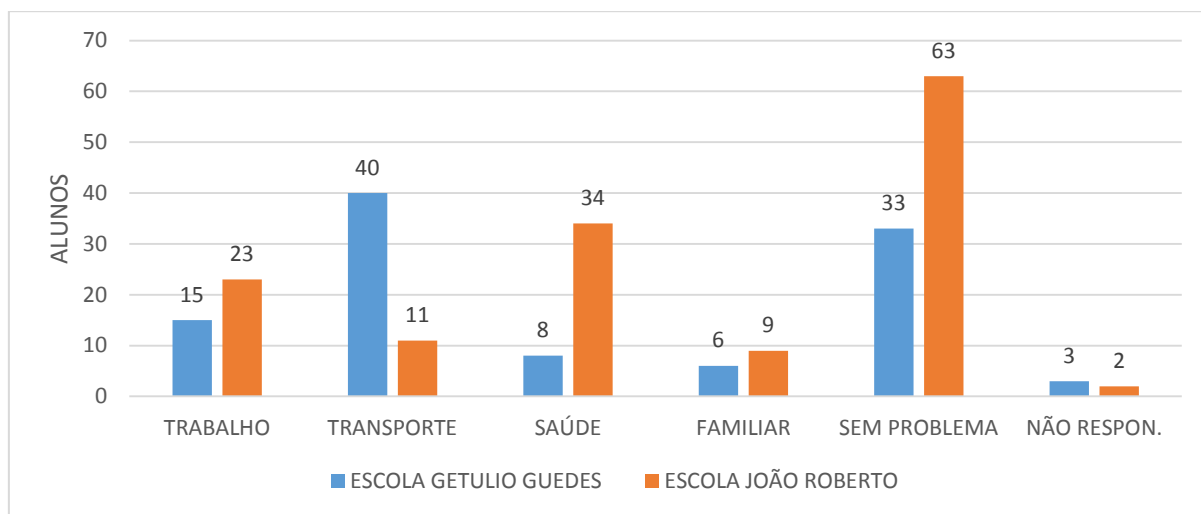
Gráfico 3: Qual o seu principal objetivo em estudar?



Fonte: do Autor.

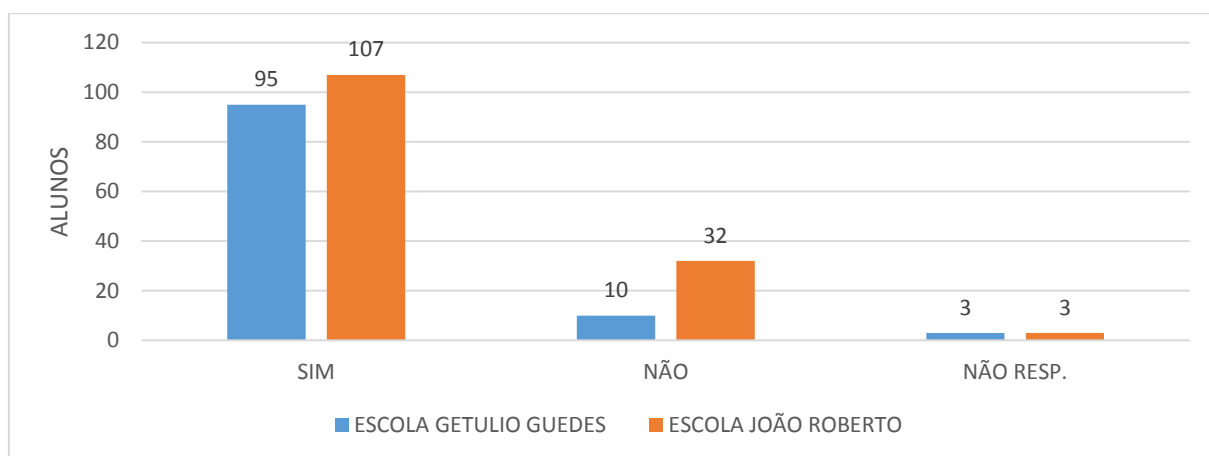


Gráfico 4: Que tipo de problema impede você de se dedicar mais aos estudos?



Fonte: do Autor.

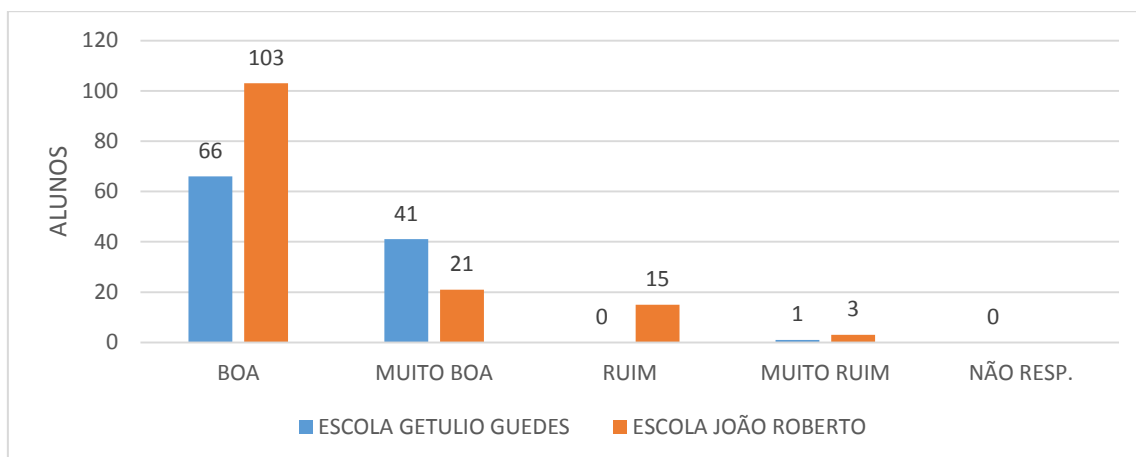
Gráfico 5: Você é motivado a estudar nas aulas de Química?



Fonte: do Autor.

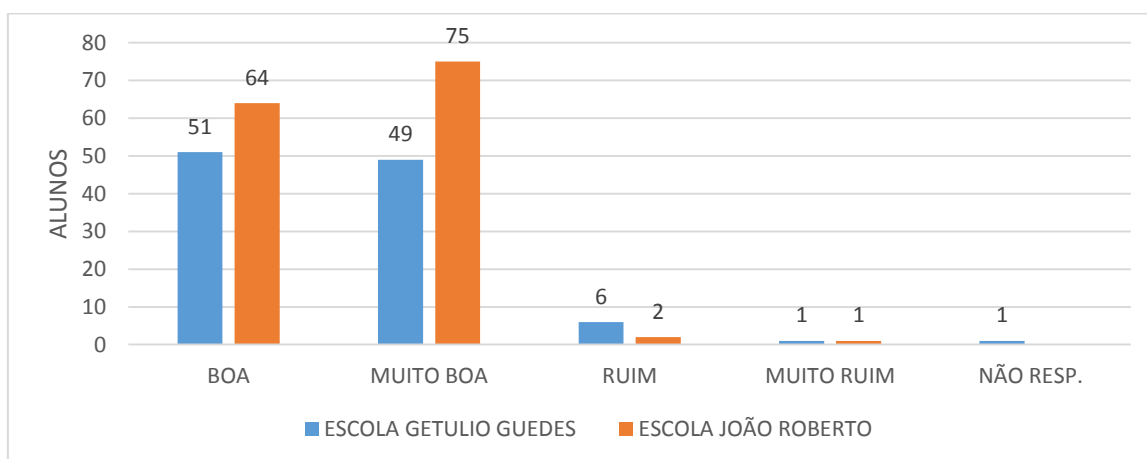
A seguir, os resultados referentes à seção interação professor-aluno.

Gráfico 6: Que tipo de relação você tem com o professor de Química?



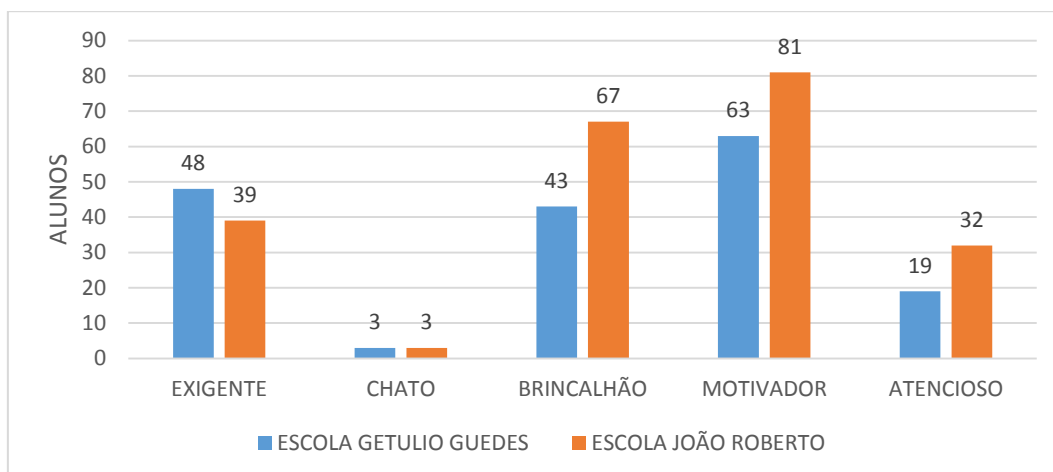
Fonte: do Autor.

Gráfico 7: Que tipo de relação você tem com os seus colegas de classe?



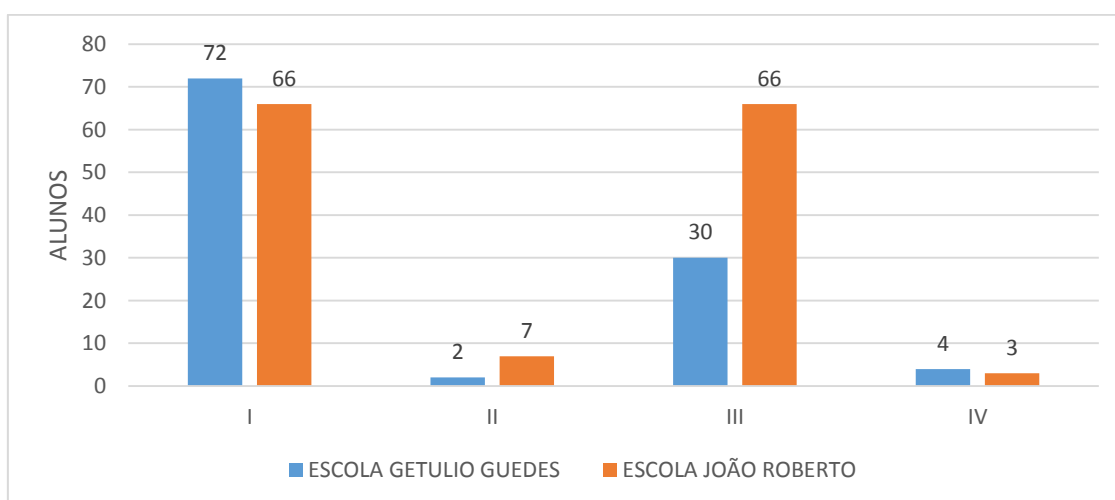
Fonte: do Autor.

Gráfico 8: Com qual perfil ou tipo de professor você aprende mais? (Marque até duas opções).



Fonte: do Autor.

Gráfico 9: Quando você tem uma dúvida sobre o conteúdo de Química, o que você faz?

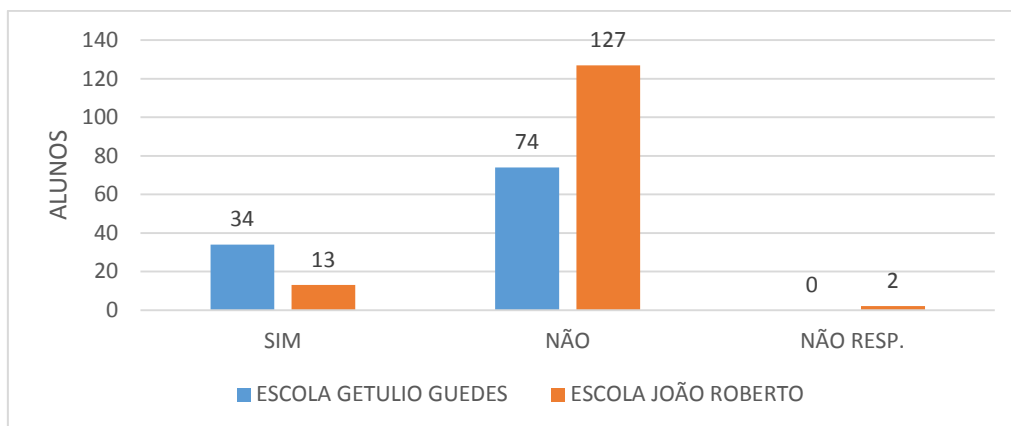


Legenda: I - Pergunta ao professor quando a dúvida aparece. / II - Espera o término da aula para tirar a dúvida com o professor. / III - Tira sua dúvida usando outros meios (Internet, livros, colegas, etc.). / IV – Outras.

Fonte: do Autor.

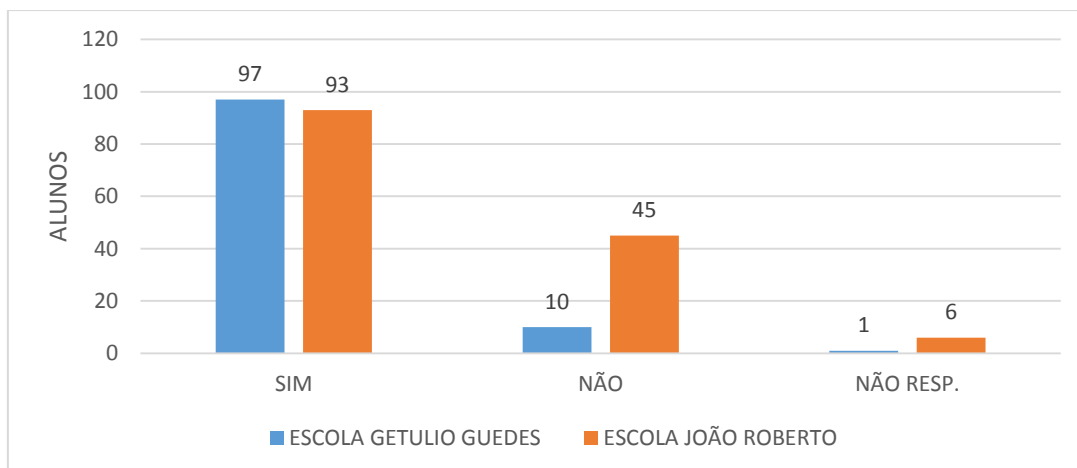
Gráficos referentes aos dados obtidos na seção afetividade.

Gráfico 10: Você se sente à vontade em conversar com o seu professor de Química sobre problemas pessoais, familiares, etc.?



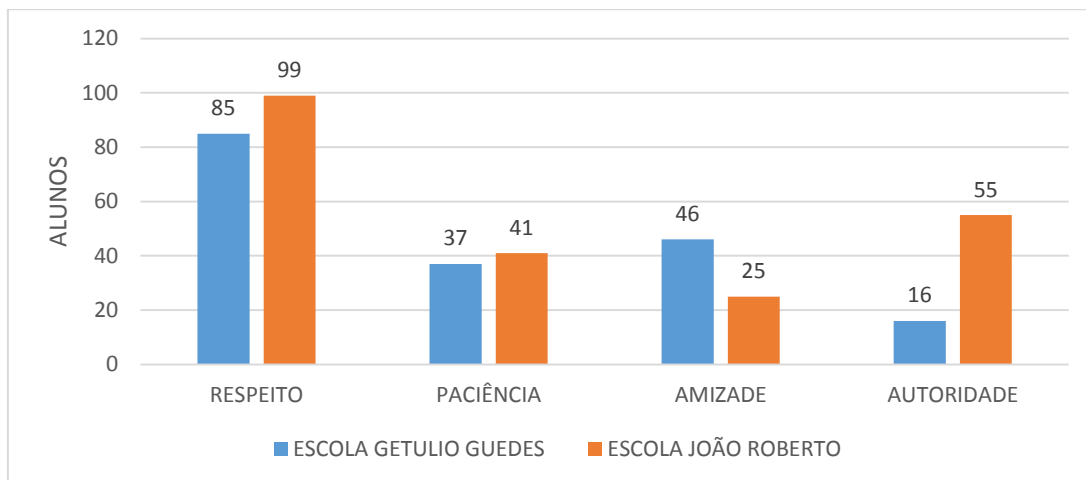
Fonte: do Autor.

Gráfico 11: Você considera ter uma boa amizade com o seu professor de Química dentro e fora da sala de aula?



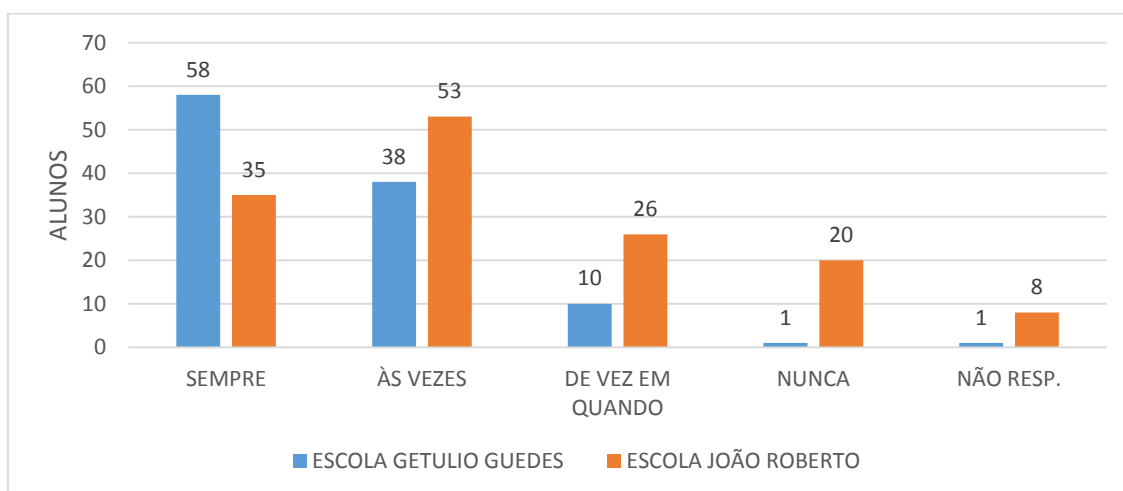
Fonte: do Autor.

Gráfico 12: O que você julga importante no seu professor de Química? (Marque até duas opções).



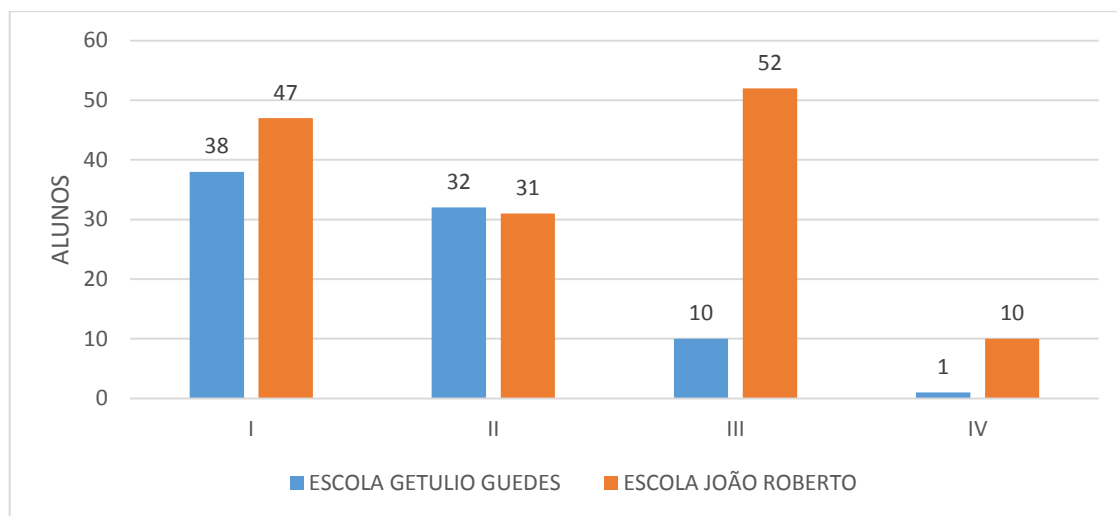
Fonte: do Autor.

Gráfico 13: O professor de Química realiza debates envolvendo os conteúdos?



Fonte: do Autor.

Gráfico 14: Com qual tipo de abordagem você aprende com mais facilidade?

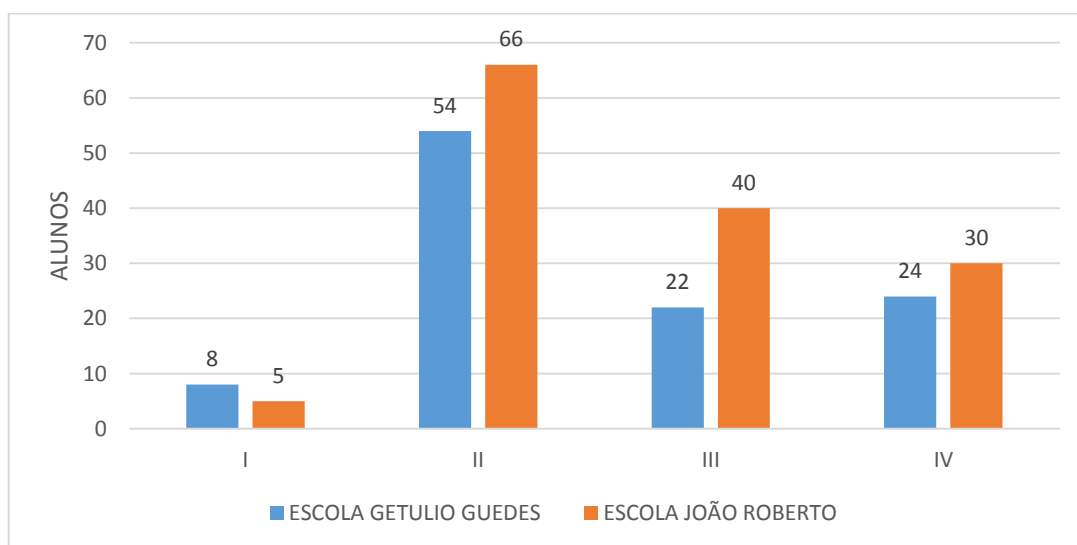


Legenda: I - Abordagem dinâmica. / II - Simpatia com o professor. / III - Conteúdo do seu interesse. / IV - Nenhuma das alternativas.

Fonte: do Autor.

Gráficos obtidos a partir das respostas dos alunos na seção aprendizagem.

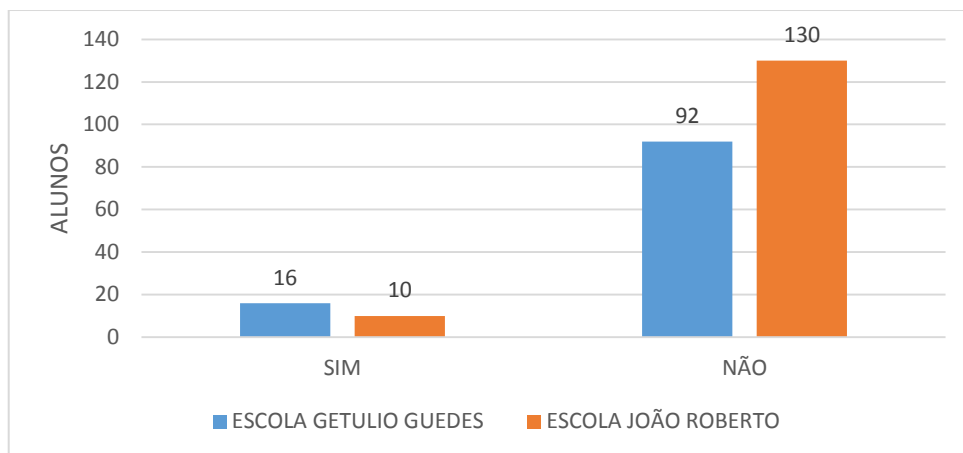
Gráfico 15: Como você sabe que aprendeu um conteúdo de Química?



Legenda: I - Decorando. / II. Resolvendo exercícios. / III - Compreendendo o conceito. / IV - Obtendo notas boas nas provas.

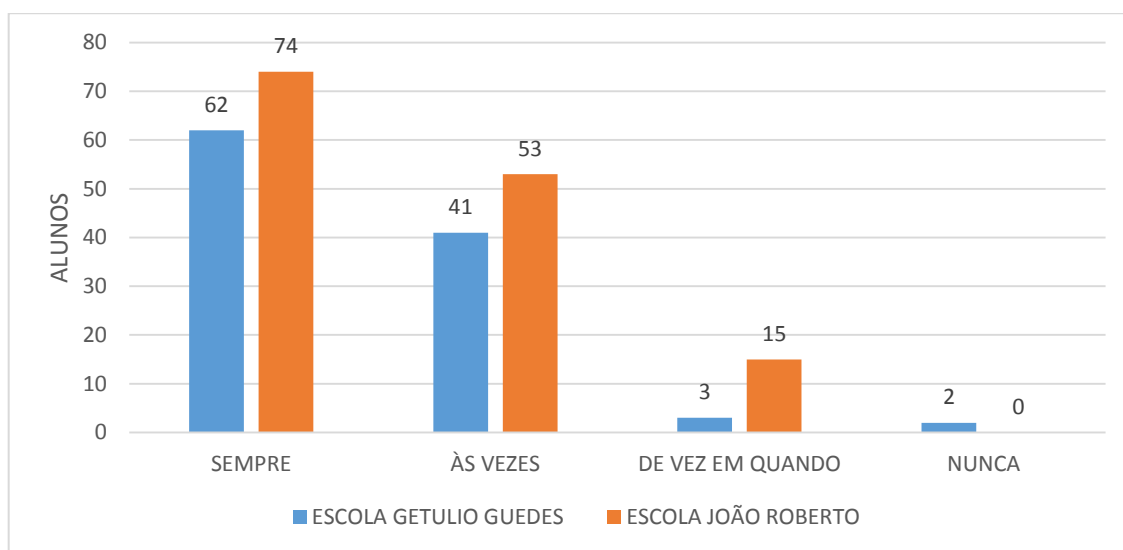
Fonte: do Autor.

Gráfico 16: Você acha que só se aprende na escola?



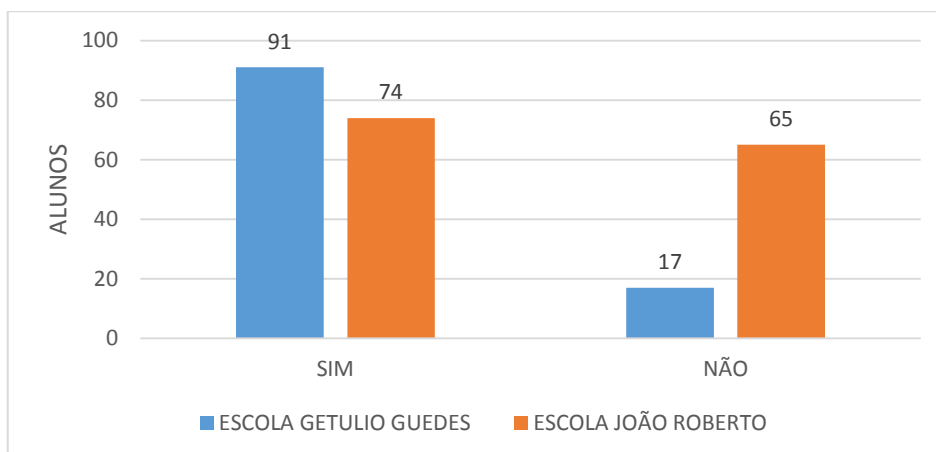
Fonte: do Autor.

Gráfico 17: Você faz as atividades quando o professor solicita?



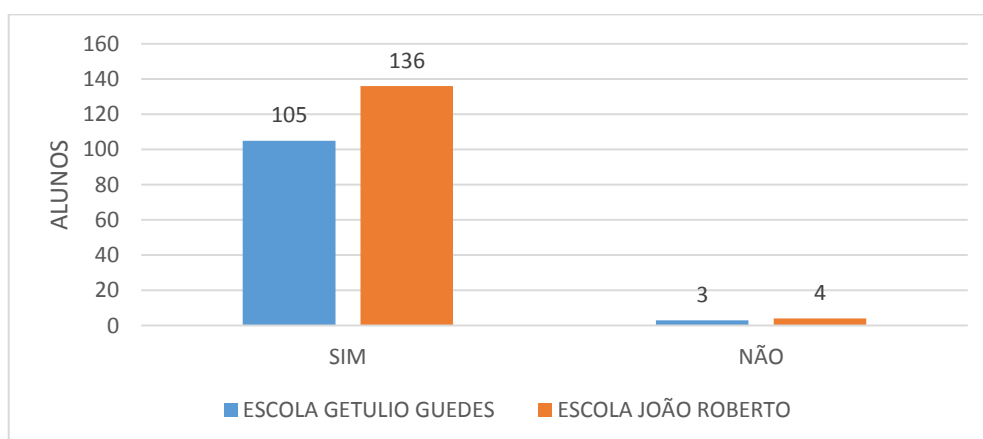
Fonte: do Autor.

Gráfico 18: Você consegue relacionar os conteúdos de Química estudados na sala de aula com o seu cotidiano?



Fonte: do Autor.

Gráfico 19: Você acha que as aulas experimentais de Química ajudam no aprendizado?



Fonte: do Autor.

### 2.3.2 Análise dos Resultados

Nos gráficos sobre motivação, as duas escolas mostraram resultados bem próximos, como podemos observar nas questões. Na primeira questão, os alunos indicaram que são motivados a estudar pelos pais, que é um ponto importante, pois a presença dos pais na educação dos seus filhos é de grande importância. Na segunda questão, a maioria dos alunos indicou que



as aulas de química são boas. Na terceira questão, sobre o objetivo em estudar, a escola João Roberto apontou ser o ENEM, enquanto a escola Getúlio Guedes indicou ser o trabalho. Na quarta questão, os resultados diferem bastante, pois indicam que, para a Escola João Roberto, a maioria dos alunos não tem problemas que os impeçam de estudar, seguido de problemas de saúde e de trabalho. Já para a Escola Getúlio Guedes, os resultados foram problemas de trabalho, saúde e, uma parte afirmou não haver problemas que interfiram nos seus estudos. Na quinta e última questão, os resultados apontam que os alunos estão motivados durante as aulas de Química.

Nos gráficos sobre interação professor-aluno, as duas escolas apontaram resultados similares, tanto na relação professor-aluno na questão 1, quanto na relação aluno-aluno na questão 2. Os resultados mostraram-se bastante positivos, o que contribui para criar um ambiente de melhor aprendizado que será refletido numa boa relação em sala de aula. Na questão 3, os resultados foram similares quanto ao perfil de professor com o qual os alunos aprendem com mais facilidade, nesse quesito, destacaram-se os seguintes perfis: **motivador**, **brincalhão** e **exigente**. Podemos perceber claramente que os alunos reconhecem um perfil de professor mais tradicional. Na questão 4, o resultado da Escola Getúlio Guedes indicou que a maioria dos alunos pergunta ao professor quando a dúvida surge, enquanto que na Escola João Roberto, mais ou menos metade dos alunos pergunta ao professor e a outra metade tira as dúvidas usando outros meios.

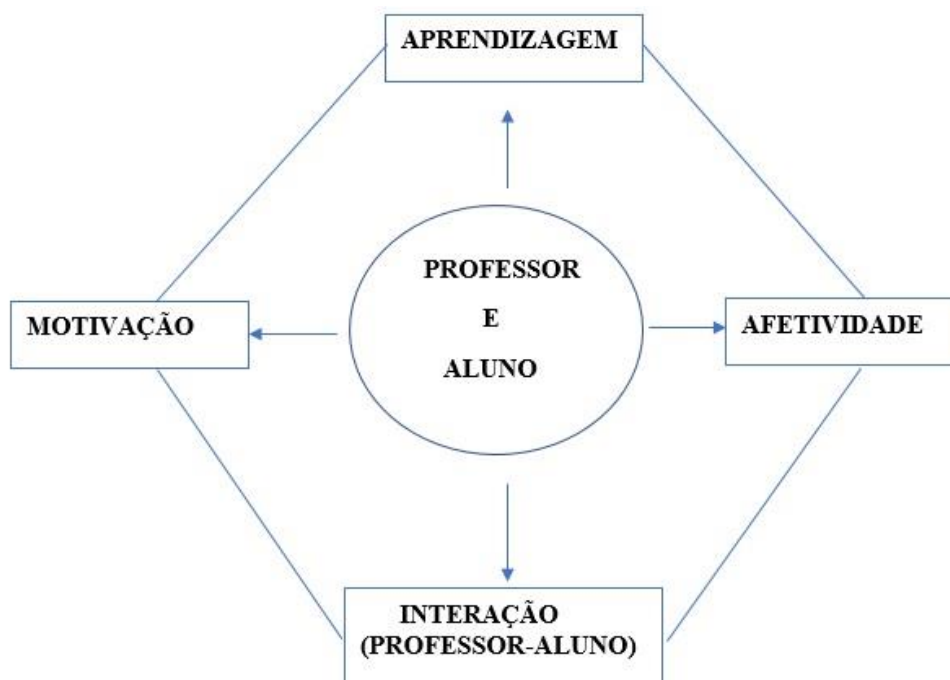
Nos gráficos sobre afetividade, as escolas apontaram resultados semelhantes. Na primeira questão, a maioria dos alunos de ambas as escolas acha que aprende resolvendo exercícios, enquanto uma parte dos alunos da Escola João Roberto indicou que aprende um conteúdo quando compreende o conceito e Getúlio Guedes apontou que aprende quando obtém notas boas. Na segunda questão, os alunos de ambas as escolas concordaram que não se aprende apenas na escola. Atualmente, a internet está ajudando bastante com vídeos e exercícios sobre o assunto. Na terceira questão, os resultados indicam que os alunos fazem sempre as atividades solicitadas pelo professor. Na quarta questão, a Escola Getúlio Guedes apontou que os alunos conseguem relacionar os conteúdos abordados na sala de aula com o seu cotidiano, já na Escola João Roberto quase metade dos alunos não consegue fazer isso, o que pode ser reflexo do tipo de aprendizagem à qual estão sendo submetidos. Quando não há uma verdadeira compreensão dos conceitos abordados em sala, a aprendizagem mecânica domina e os alunos respondem as

questões sem nenhuma ligação com o seu cotidiano, por isso, grande parte dos alunos não consegue reconhecer a Química a sua volta, o que contribui para a rejeição da disciplina nas escolas. Na quinta questão, em relação às aulas experimentais, os resultados indicam que são de grande importância as aulas práticas de Química. Com a prática experimental, os alunos têm contato com a Química aplicada e não apenas com a Química distante das suas realidades.

Apesar de todos os resultados acerca dos demais tópicos citados, o foco deste trabalho concentra-se nos gráficos sobre afetividade, nos quais as escolas apresentaram resultados similares. Em relação à primeira questão, os resultados mostram que os alunos não comentam com o professor de Química assuntos pessoais. Uma pequena parte dos alunos apontou que comentam seus problemas com o professor de Química, mesmo não sendo obrigação do professor saber de todos os problemas dos alunos, mas esse simples ato de compartilhar a dificuldade com o professor é um reflexo positivo da interação na sala de aula. Na segunda questão, a maioria dos alunos de ambas as escolas indicaram ter uma boa amizade com o professor, mas nem tudo é perfeito, uma pequena parte apontou não ter uma boa amizade. Esse comportamento dual é reflexo do convívio no ambiente escolar. Na questão 3, que diz respeito às importantes em um professor de Química, ambas as escolas indicaram: **respeito**, **autoridade** e **paciência**. Nas duas escolas, os pontos respeito e paciência foram os mesmos, esses pontos indicados são qualidades observadas e consideradas pelos alunos como sendo de grande importância. Na quarta questão, foi apontado pela maioria que **sempre/às vezes** são realizados debates em sala de aula, isso contribui bastante para uma aula dinâmica e para um melhor aprendizado. Na quinta questão, sobre aprender com facilidade, os alunos da Escola João Roberto apontaram que aprendem mais quando o conteúdo é do seu **interesse**. Isso ocorre quando os alunos conseguem relacionar o conteúdo a sua realidade, facilitando a aprendizagem. A Escola Getúlio Guedes indicou, no entanto, que aprende mais com o professor que tenha uma aula mais dinâmica, fugindo um pouco do tradicional.

Toda essa relação é muito complexa, pois cada tópico depende e influencia o outro. Veja o esquema abaixo (Figura 3) mostrando a relação entre os tópicos.

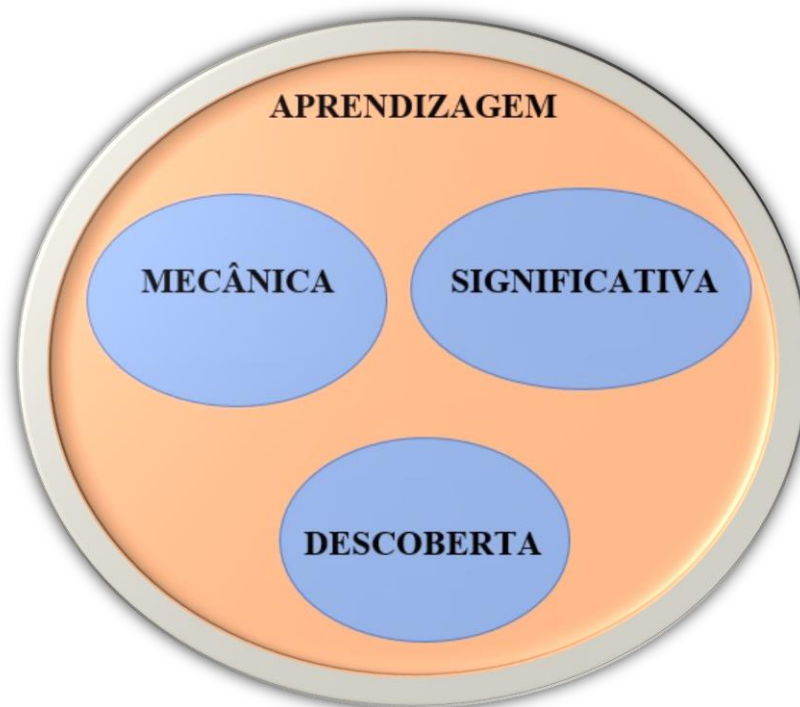
Figura 3: Esquema dos tópicos que influenciam na relação professor-aluno.



Fonte: do Autor.

Podemos ver claramente, com esse gráfico, que a interação, afetividade, motivação e aprendizagem estão interligadas. No momento em que o professor entra em contato com o aluno, ocorre interação entre o professor e o aluno, e esse tipo de interação resulta em um tipo de afetividade que pode ser favorável ou não. Um outro efeito dessa relação é a motivação, que surge com o objetivo de motivar o aluno a alcançar a aprendizagem. Esse processo não é fácil. A própria definição nos diz que não existe uma única forma padrão de aprendizagem para as pessoas, muito pelo contrário, os alunos podem aprender de diversas formas. Dentre as formas de aprendizagem, temos o estudo de Ausubel (1963) sobre os vários tipos de aprendizagem. A seguir, podemos observar, no Gráfico 20, um esquema simplificado sobre a aprendizagem na perspectiva de Ausubel.

Gráfico 20: A aprendizagem na perspectiva de Ausubel.



Fonte: do Autor.

Podemos perceber que, no processo de aprendizagem, existem três tipos. Como vai ser aplicado cada tipo de aprendizagem, depende do professor, pois é ele quem direciona a dinâmica da aula para o sucesso na aprendizagem dos alunos.

Temos também o conceito de aprendizagem na perspectiva de Piaget, a seguir, podemos observar o gráfico que explicita a sua definição:

Gráfico 21: A aprendizagem na perspectiva de Piaget.

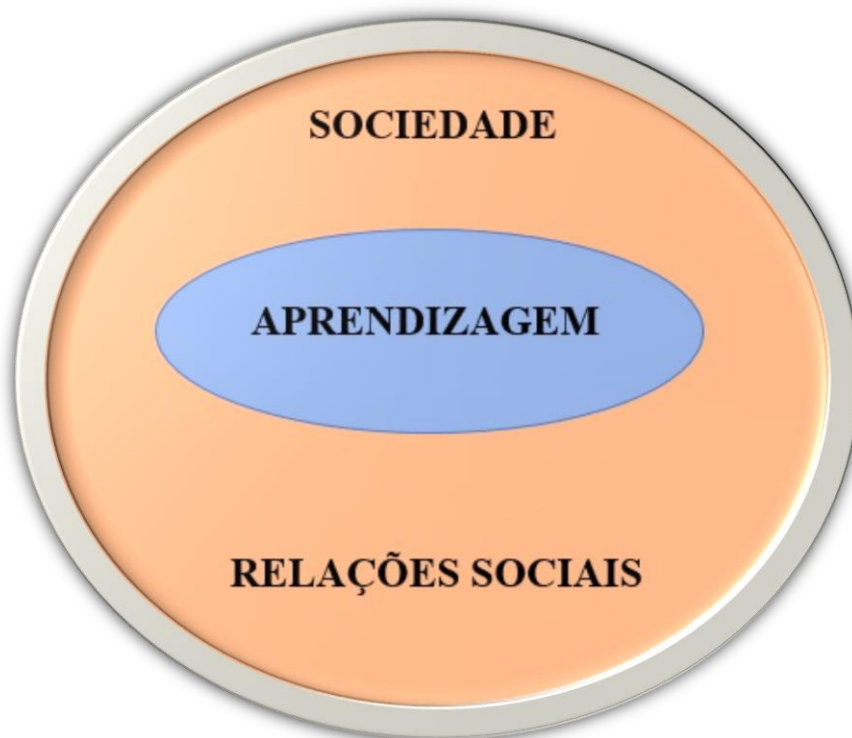


Fonte: do Autor.

No Gráfico 21, observamos que, para Piaget, a aprendizagem ocorre através de processos cognitivos, não desconsiderando outros fatores que possivelmente possam interferir na aprendizagem. Através desses processos mentais é que ocorrem a aprendizagem e o processo de assimilação dessa nova informação a estruturas mentais, o que é denominado por Piaget de desconforto cognitivo, que é o período de adaptação dessa nova informação. A aprendizagem ocorre no momento em que essa nova informação é acessada e utilizada. O professor tem um papel importante nesse processo, orientando para que a aprendizagem seja efetiva e que tenha significado na perspectiva do aluno.

Diferente de Piaget, Vygotsky estudou as relações sociais e suas influências na aprendizagem, segue abaixo (Gráfico 22) um esquema simplificado da aprendizagem na perspectiva de Vygotsky:

Gráfico 22: A aprendizagem na perspectiva de Vygotsky.



Fonte: do Autor.

Como Vygotsky afirma, a aprendizagem só ocorre através de relações sociais que formam uma sociedade. Compreender uma sociedade é compreender suas relações e, conseqüentemente, compreender como funciona e como é formada a aprendizagem dentro da sociedade.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa possibilitou verificar o comportamento da afetividade em relação a aprendizagem, motivação e relação do aluno com o professor, . Os resultados apresentados evidenciam a importância que a afetividade tem no processo de aprendizagem e também explicitou as ligações que a afetividade tem com a motivação, aprendizagem e interação professor-aluno. A maior dificuldade enfrentada durante a pesquisa foi na elaboração da tabela de observação, devidos aos pontos principais abordados no estudo serem bastante complexos e subjetivos. Como resultado dessa complexidade, não houve a aplicação da tabela de observação, havendo apenas a aplicação do questionário para obter dados para a pesquisa.

Esse trabalho tem grande importância para a formação do professor em geral, pois a relação afetiva é algo que o professor não tem como evitar. Compreender essa relação e suas consequências é papel do professor contemporâneo. A pesquisa ainda pode ser aprofundada, há visto que há vários outros fatores que podem influenciar ainda mais no processo de ensino-aprendizagem, em virtude de essa temática ser pouco investigada dentro do ensino de Química. Com este trabalho, pode-se compreender certos comportamentos sobre determinados eventos que acontecem em sala de aula, tidos como normais, mas que são extremamente complexos, tais como a interação professor-aluno ser bastante dinâmica e ter vários reflexos.

A partir dessa pesquisa, pretende-se futuramente realizar mestrado na área da educação, a fim de aprofundar os conhecimentos nesse campo, visando analisar as relações afetivas na perspectiva do professor de Química, visto. Vale ressaltar, que foram encontradas dificuldades durante a revisão da literatura, devido à falta de artigos e trabalhos que tratassem da afetividade relacionada ao ensino de Química. Espera-se que, com o passar dos anos, esse tema venha a ser discutido amplamente no meio acadêmico e na produção de trabalhos que possam contribuir significativamente para o ensino da Química no ensino médio.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Joni de Almeida. **Aprendizagem significativa**. São Paulo: UNESP, 2004. Disponível em: <http://www.feg.unesp.br/~saad/educacao/AprendizagemSignificativa.doc>.

BELOTTI, Salua Helena Abdalla; FARIA, Moacir Alves de. Relação professor/aluno. **Revista Saberes da Educação**. São Roque – SP: FAC, ano 1, n. 1, 2010. Disponível em: <http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdfs/salua.pdf>.

BIANCHI, Sara Rebecca. **A importância da motivação na aprendizagem no ensino fundamental**. Monografia. Pedagogia, Universidade Federal de São Carlos, 2011. 32f. Disponível em: <http://www.pedagogia.ufscar.br/documentos/arquivos/tcc-2008/a-importancia-da-motivacao-na-aprendizagem-no-ensino-fundamental>.

GARCIA, Andréia Machado. **A importância da afetividade na aprendizagem escolar: o afeto na relação aluno-professor**. Monografia. Psicopedagogia, Universidade Tuiuti do Paraná, 2014. 24 f. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-da-afetividade-na-aprendizagem-escolar-o-afeto-na-relacao-aluno-professor>.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, M. A.; MASINI, E. F. S. Aprendizagem significativa: A teoria de David Ausubel. São Paulo: Centauro, 2001.

MORAES, Carolina Roberta; VARELA, Simone. Motivação do Aluno Durante o Processo de Ensino-Aprendizagem. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos – SP: UFSCAR, ano 1, n. 1, ago./dez. 2007. Disponível em: [http://web.unifil.br/docs/revista\\_eletronica/educacao/Artigo\\_06.pdf](http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_06.pdf).

PESSOA, Vilmarise Sabim. A afetividade sob a ótica psicanalítica e piagetiana. **Publicatio UEPG**. Ponta Grossa – RS: Universidade Estadual de Ponta Grossa. 8 (1): 97-107, 2000. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/download/12/9>.

REBOLO, Flavinês; NOGUEIRA, Eliete Jussara; SOARES, Maria Lúcia de Amorim. As entrelinhas da relação professor-aluno: notas para se pensar o bem-estar e o mal-estar docente na contemporaneidade. **Série-Estudos**. Campo Grande: UCDB, n. 29, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/143>.

RIBEIRO, Filomena. Motivação e aprendizagem em contexto escolar. **Profforma**. Porto Alegre: Cefopna, n. 3, jun. 2011. Disponível em: [http://www.cefopna.edu.pt/revista/revista\\_03/es\\_05\\_03\\_FR.htm](http://www.cefopna.edu.pt/revista/revista_03/es_05_03_FR.htm).

SANTOS, Kaline Cristian Ferreira da; ROCHA, Yania Antônio Coelho; SANTOS, José Carlos dos. **Relação professor/aluno**. 2007. Disponível em:



<http://www.revista.ulbrajp.edu.br/seer/inicia/ojs/include/getdoc.php?id=2775&article=997&mode=pdf>.

SILVA, Andréa Cristina da; SANTOS, Roseane Moreira dos. **Relação professor aluno**: uma reflexão dos problemas educacionais. Monografia. Pedagogia, Universidade da Amazônia, 2002. 53 f. Disponível em: [http://lrc.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/relacao\\_professor\\_aluno.pdf](http://lrc.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/relacao_professor_aluno.pdf).

SILVA, Geruza Barbosa da. **O papel da motivação para a aprendizagem escolar**. Monografia. Pedagogia, Universidade Estadual da Paraíba, 2014. 41 f. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/9644/1/PDF%20-%20Geruza%20Barbosa%20da%20Silva.pdf>.

SIQUEIRA, Alessandra Maria de Oliveira; SILVA NETO, Demuniz Diniz da; FLORÊNCIO, Rutemara. **A importância da afetividade na aprendizagem dos alunos**. Boa Vista: FACETEN, 2011. Disponível em: <http://www.faceten.edu.br/Importancia%20da%20afetividade%20na%20aprendizagem.pdf>.

TAPIA, Jesús Alonso; FITA, Enrique Caturla. **A motivação em sala de aula**: o que é, como se faz. Trad. Sandra Garcia. – 11. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2015.

ULER, Waldir. **Afetividade e Cognição**. Secretaria de Estado da Educação. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – RS, 2007. Disponível em: [http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-17052012.../WALDIR\\_ULLER.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-17052012.../WALDIR_ULLER.pdf).

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Tabela de Observação

- Interação na sala de aula:

	Boa	Ruim	Muito Boa	Péssimo
Relação prof-aluno.				
Relação aluno-aluno				
Relação aluno-prof.				

- Motivação na sala de aula.

Turma	Existe	Não existe

- Afetividade na sala de aula

Turma	Existe	Não existe

- Tipos de aprendizagem

Turma	Mecânica	Significativa	Descoberta

## APÊNDICE B – Questionário

### • MOTIVAÇÃO

1º. Você é motivado (a) a estudar em casa pelos seus pais?

Sim ( ) Não ( )

2º O que você acha da aula de Química da sua escola?

( ) Boa ( ) Muito Boa ( ) Ruim ( ) Muito Ruim

3º. Qual o seu principal objetivo em estudar?

ENEM ( ) Trabalho ( ) Concluir o Ensino Médio ( ) Outros ( ): .....

4º Que tipo de problema impede você de se dedicar mais aos estudos?

Trabalho ( )

Transporte ( )

Saúde ( )

Famíliares ( )

5º Você é motivado a estudar nas aulas de Química?

Sim ( ) Não ( )

### • INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

1º Que tipo de relação você tem com o professor de Química?

( ) Boa ( ) Muito Boa ( ) Ruim ( ) Muito Ruim

2º Que tipo de relação você tem com os seus colegas de classe?

( ) Boa ( ) Muito Boa ( ) Ruim ( ) Muito Ruim

3º Qual o perfil ou o tipo do professor com o qual você aprende mais? (Marque até duas opções).

( ) Exigente ( ) Chato ( ) Brincalhão ( ) Motivador ( ) Atencioso

4º Quando você tem uma dúvida sobre o conteúdo de Química, o que você faz?

( ) Pergunta ao professor quando a dúvida aparece.

( ) Espera o término da aula para tirar a dúvida com o professor.

( ) Tira sua dúvida usando outros meios (Internet, livros, colegas, etc.).

( ) Outra forma. Descreva: .....

### • AFETIVIDADE

1º Você se sente à vontade em conversar com o seu professor de Química sobre problemas pessoais, familiares, etc.?

Sim ( ) Não ( )

2º Você considera ter uma boa amizade com o seu professor de Química dentro e fora da sala de aula?

Sim (   )   Não (   )

3º O que você julga importante no seu professor de Química? (Marque até duas opções).

Respeito (   )

Paciência (   )

Amizade (   )

Autoridade (   )

4º O professor de Química realiza debates envolvendo os conteúdos?

(   ) Sempre   (   ) Às vezes   (   ) De vez em quando   (   ) Nunca

5º. Com qual abordagem você aprende com mais facilidade?

(   ) Abordagem dinâmica

(   ) Simpatia com o professor

(   ) Conteúdo do seu interesse

(   ) Nenhuma das alternativas

• APRENDIZAGEM
----------------

1º Como você sabe que aprendeu um conteúdo de Química?

(   ) Decorando.

(   ) Resolvendo exercícios.

(   ) Compreendendo o conceito.

(   ) Obtendo notas boas nas provas.

2º Você acha que só se aprende na escola?

(   ) Sim   (   ) Não

3º Você faz as atividades quando o professor solicita para você?

(   ) Sempre   (   ) às vezes   (   ) De vez em quando   (   ) Nunca

4º Você consegue relacionar os conteúdos de Química estudados na sala de aula com seu cotidiano?

(   ) Sim   (   ) Não

5º Você acha que as aulas experimentais de Química ajudam no aprendizado?

(   ) Sim   (   ) Não

Deseja acrescentar algum comentário?

**Muito obrigado!**